

(RE) CONHECER O ESPAÇO E AS NOVAS TENDÊNCIAS DA GEOGRAFIA: FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Área temática: Educação

Coordenador da Ação: Reginaldo José de Souza¹

Autores: Reginaldo José de Souza, Paula Vanessa de Faria Lindo²

RESUMO: Este trabalho apresenta a discussão teórica e as atividades desenvolvidas ao longo do curso (Re) Conhecer o Espaço e as Novas Perspectivas da Geografia, que foi oferecido para onze professores de escolas públicas de Educação Básica do município de Erechim-RS. No segundo semestre de 2016, o curso foi desenvolvido como extensão acadêmica, no âmbito da Universidade Federal da Fronteira Sul, fundamentado nas práticas de ensino sobre a crise ambiental na contemporaneidade. O objetivo central foi desconstruir visões equivocadas sobre discursos como “o fim da natureza” e a “salvação do planeta” para direcionar o entendimento quanto ao grande problema ambiental que realmente deflagra a predação dos recursos naturais e a degradação das pessoas: o nosso atual padrão de consumo, de produção industrial e a concentração de riquezas. A paisagem, conceito operativo da Geografia, também foi estudada para melhor compreender os desdobramentos das ações humanas nas dinâmicas da natureza. O curso foi realizado em quatro módulos: 1) Meio ambiente: em busca de uma conceituação geográfica; 2) Meio Ambiente e Paisagem: como fazer análise ambiental em Geografia; 3) Meio ambiente e desigualdades sociais; 4) Estudo do Meio Ambiente e Práticas Pedagógicas. Os professores cursistas puderam se aprofundar no debate político acerca da questão ambiental e repensar suas estratégias de ensino em sala de aula e em trabalhos de campo.

Palavras-chave: Questão ambiental; Geografia; Paisagem; Extensão.

1 INTRODUÇÃO

Com este trabalho apresentamos os resultados e as perspectivas do projeto de extensão “ (Re) Conhecer o Espaço e as Novas Tendências da Geografia”, desenvolvido no decorrer do segundo semestre de 2016 na Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim.

Nós selecionamos a questão ambiental e a paisagem como primeiro tema a ser desenvolvido com nossos colegas de profissão. Assim, apresentamos a

¹ Coordenador, Doutor em Geografia, Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim. Contato: reginaldo.souza@uffs.edu.br

² Doutora em Geografia, Professora da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim. Contato: paula.lindo@uffs.edu.br



APOIO:

Integração
que gera energia
e desenvolvimento



CO-ORGANIZAÇÃO:



REALIZAÇÃO:



proposta de um curso piloto voltado para o público dos professores de Geografia. Durante os meses de julho e agosto de 2016 foi feita a divulgação, por meio de convite enviado à 15ª Coordenadoria Regional de Educação, que o repassou para as escolas do município e região. Contamos com quinze professores cursistas inscritos, dos quais onze participaram integralmente do curso e foram certificados e cumpriram carga horária de 32 horas entre atividades de leituras e participação em encontros presenciais quinzenais.

Os objetivos principais do curso foram: desconstruir visões equivocadas sobre discursos como “o fim da natureza”, “a salvação do planeta” e a sociedade como “vítima ou agressora” da natureza; reconstruir uma visão geográfica sobre a questão ambiental, que permitisse compreender as fragilidades da sociedade diante das forças da natureza e do planeta Terra e que a sociedade só pode ser uma vítima ou agressora de si mesma.

2 A QUESTÃO AMBIENTAL E A PAISAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Fazer teatros, paródias, apresentações em auditórios e plantio de mudas pelos bairros das escolas podem ser práticas pedagógicas completamente sem sentido, caso o professor não promova um espaço de reflexão coerente sobre a temática ambiental que ele trabalha com seus alunos. O meio ambiente não é mero envoltório bonito que se protege jogando papeis, metais e plásticos em latas de lixo coloridas. Esse tema é de sobrevivência, de garantia de qualidade de vida, de embate político e construção cultural. Tratar da forma como a sociedade usa os recursos jamais pode ser uma coisa que adentre o universo da inutilidade e da falta de sentido: Qual é objetivo de se falar de aquecimento global em função da poluição industrial se esta não para de ocorrer? O que se pretende com a reciclagem enquanto o padrão de produção de mercadorias continua sendo predatório? O que faz uma pessoa sentir-se confortável ao aderir ao sistema de coleta seletiva de lixo sendo que ela consome mercadorias além do necessário?

Portanto, tratar da questão ambiental implica considerar desde valores culturais até profundos arranjos político-econômicos. O problema ambiental atual,



APOIO:

Integração
que gera energia
e desenvolvimento

CO-ORGANIZAÇÃO:



REALIZAÇÃO:



que estrutura todos os outros, é simples e imensamente complexo ao mesmo tempo: padrão de consumo. Do padrão de consumo, parte-se para os ritmos da produção industrial, desta para a exploração dos recursos, desta para a exploração do trabalho, desta para a alienação e fetiche das propagandas, a reafirmação do consumo, da alienação, da exploração e assim se vai até a concentração de riquezas e, por fim, a produção deliberada da pobreza, financeira e espiritual.

Vivemos em uma sociedade em que se manifesta uma evidente crise de percepção (CAPRA, 2001) e de inversão de valores e isso é um ponto de inflexão e reflexão para o trabalho docente. Fazer com que o estudante questione as raízes da crise de percepção e inversão dos valores é o ponto de partida para compreender a crise ambiental e instigar o posicionamento crítico numa sociedade que muito carece disso.

Logo, na relação sociedade-natureza não há herói ou vilão, mas, no nível das relações sociais, os seres humanos podem ser destrutivos e autodestrutivos. Se chegássemos a um ponto crítico de poluição atmosférica, onde ninguém pudesse mais respirar tranquilamente, a atmosfera não sofreria em nada com isso. Quem respira, sim. E, diante de uma suposição como esta, ninguém poderia falar de uma revolta da natureza, um castigo atmosférico ou qualquer coisa do gênero, como muitas vezes se faz nos dias de hoje através das exclamações já tão surradas de “catástrofe natural!” ou “desastre natural!”.

Todo impacto ambiental tem uma manifestação paisagística (SOUZA, 2015). A paisagem é um excelente conceito operativo (SUERTEGARAY, 2001) para adentrar na crise ambiental, que também é uma crise paisagística. Travestidas de desenvolvimento e progresso, as ações de fragmentação da paisagem são resultantes de lógicas desordenadas que não valorizam de fato a natureza: rios são poluídos, florestas são derrubadas, imensos arranha-céus substituem a paisagem pela vista dos corredores urbanos artificiais. Cada vez mais, a paisagem se faz como um elemento político (BÉDARD, 2009) de extrema relevância para debater a crise ambiental e promover soluções para problemas que afetam os territórios, os lugares e a vida de pessoas.

O trabalho docente, sobretudo da matéria de Geografia, é fundamental



APOIO:

Integração
que gera energia
e desenvolvimento

CO-ORGANIZAÇÃO:



REALIZAÇÃO:



para superar o estágio contra-paisagem (BERTRAND; BERTRAND, 2002) da cultura nacional. Por isso, o discurso de salvação do planeta e da natureza precisa ser superado. O reconhecimento da força descomunal da natureza precisa acontecer, não como motivo para a exploração predatória para sempre, tampouco para justificar o descarte da vida, mas, sobretudo, para valorizar a vida e buscar dignas condições de existência para todas as pessoas neste mundo, porque uma coisa é certa: naturalmente, todos nós morremos, todos nós somos tragados pela natureza que apenas flui em suas dinâmicas sem a menor intenção de nos matar e, mesmo que não tenhamos uma teleologia para compreender o motivo disso ocorrer, devemos construir relações sociais pautadas na beleza da experiência estética com o mundo, e suas paisagens, e na ética da bondade que não nos faz individualistas e nos impulsiona verdadeiramente para o estado de humanidade.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO: APONTAMENTOS QUANTO À EXPERIÊNCIA NO PROJETO DE EXTENSÃO

A primeira parte do curso “(Re) Conhecer o Espaço e as Novas Tendências da Geografia” foi organizada em quatro módulos de conteúdos: 1) Meio ambiente: em busca de uma conceituação geográfica; 2) Meio Ambiente e Paisagem: como fazer análise ambiental em Geografia; 3) Meio ambiente e desigualdades sociais; 4) Estudo do Meio Ambiente e Práticas Pedagógicas.

No primeiro módulo foi feito um trabalho de reconhecimento dos equívocos nos discursos sobre a questão ambiental e valorizada a abordagem do meio ambiente através dos conceitos operativos da Geografia, notadamente a paisagem. Os professores cursistas trouxeram importantes contribuições, na medida que identificavam os mitos da “salvação da natureza” em referências didáticas, ou qualquer outro material de apoio, utilizados em suas aulas. Dialogamos sobre a necessidade de fazer com que os estudantes vejam a questão ambiental como uma importante dimensão de sua própria atuação política na sociedade, onde não basta apenas seguir práticas padronizadas pela ideologia do “ecologicamente correto” sem questionar a cadeia de problemas que invalida as fracas tentativas de preservação ou conservação dos recursos naturais (LARRÈRE; LARRÈRE, 1997).



APOIO:

Integração
que gera energia
e desenvolvimento

CO-ORGANIZAÇÃO:



REALIZAÇÃO:



No segundo módulo, valorizamos a conceituação da paisagem para além do que é geralmente concebido (ou esquecido) nos livros didáticos: como dimensão da existência e expoente da ética (ou falta dela) dos territórios (SERRÃO, 2013). A paisagem é um conceito muito potente para ser reduzido ao “quadro natural”, à bela fotografia ou à jardinagem, então, construímos o debate com intuito de diferenciar *natureza* e *ambiente* de *paisagem* e defini-la como a apreensão estética da natureza (ASSUNTO, 2013) e dos desdobramentos das ações humanas nela. As pessoas podem, através de juízos estéticos, compreender os motivos que levam à existência de áreas belas, bem organizadas e perfeitamente adequadas para a moradia nas cidades enquanto muitas outras não obedecem a esses padrões: quais elementos faltam na minha paisagem e quais não faltam na paisagem do outro? A paisagem como ligação com o belo e o bem organizado dos lugares é um direito de todos. Por isto, a dimensão política do debate também foi colocada para os nossos cursistas.

No terceiro módulo, na continuidade do anterior, trabalhamos com a paisagem como forma de apreciar e compreender as diferentes configurações do espaço urbano, por exemplo, nos casos em que as desigualdades econômicas nele se manifestam e são responsáveis pela coexistência, numa mesma cidade, de bairros altamente luxuosos, com moradias suntuosas, com muito conforto térmico, ruas e praças arborizadas enquanto que, por outro lado, existem bairros periféricos altamente precários, com moradias desconfortáveis, pouca ou quase nenhuma arborização, serviços urbanos inadequados ao bem estar de seus moradores, tais como transporte público, saneamento, redes de energia (DAVIS, 2006).

Por fim, no quarto módulo do curso, abrimos espaço para que os professores pudessem pensar em práticas pedagógicas a partir dos conteúdos e discussões travadas no decorrer dos nossos encontros. As perspectivas de investir mais em organização de trabalhos de campo e atividades de conscientização política para abordar as temáticas da questão ambiental e da valorização da paisagem foram colocadas por todos os professores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS



APOIO:

Integração
que gera energia
e desenvolvimento



CO-ORGANIZAÇÃO:



REALIZAÇÃO:



O curso fortaleceu debates sobre estratégias de ensino relacionadas com as temáticas ambientais na contemporaneidade. Em sala de aula, tratar de temas que abordem a “salvação do planeta”, o desenvolvimento sustentável e manutenção dos recursos para gerações futuras não faz o menor sentido, caso professores não promovam situações de ensino e aprendizagem que questionem o atual padrão de produção e consumo de mercadorias e as práticas de exploração da natureza e das pessoas.

Considera-se que a aproximação aos professores da rede pública de ensino deve ser cada vez mais valorizada, justamente para que os conhecimentos construídos na Universidade sejam também discutidos com esses profissionais e, assim, criar redes de colaboração entre Universidade e Escola. Diante do fato de que o curso contou com um número interessante de participantes, pretende-se dar continuidade ao projeto a partir de outras temáticas igualmente relevantes ao ensino de Geografia, para além da questão ambiental: desigualdades socioeconômicas, políticas públicas, segregação socioespacial, questões de fronteira e dinâmicas territoriais.

REFERÊNCIAS

- ASSUNTO, Rosario. Paisagem e Estética. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo (coord.). **Filosofia da paisagem: uma antologia**. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013.
- BÉDARD, Mario. **Le paysage: un projet politique**. Québec: Presses de l'Université du Québec, 2009.
- BERTRAND, Claude. BERTRAND, Georges. **Une Géographie Traversière. L'environnement à Travers Territoires et Temporalités**. Paris: Éditions Arguments, 2002.
- CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo: Cultrix, 2001.
- DAVIS, Mike. **Planeta favela**. Beatriz Medina (trad.). São Paulo: Boitempo, 2006.
- LARRÈRE, Catherine; LARRÈRE, Raphaël. **Du bon usage de la nature: pour une philosophie de l'environnement**. Paris: Alto Aubier, 1997.
- SERRÃO, Adriana Veríssimo (coord.). **Filosofia da paisagem: uma antologia**. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013.
- SOUZA, Reginaldo J. **Raia Divisória ou Raia Socioambiental? Uma (re)definição baseada na análise da paisagem através do sistema GTP**. Tese de Doutorado. Presidente Prudente, UNESP: 2015.
- SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço geográfico uno e múltiplo. In: **Scripta Nova**. Universidad de Barcelona, n.93, 2001.



APOIO:

Integração
que gera energia
e desenvolvimentoPórcaro de Pós-Graduação
de Extensão
das Universidades Públicas
Brasileiras

CO-ORGANIZAÇÃO:



REALIZAÇÃO:

